

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA E SCIENTIFICA

Collaborada pelos Associados



ANNO I.

RIO DE JANEIRO, 15 DE NOVEMBRO, 1882.

N. 1.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida á secretaria provisoria do Centro Litterario, rua da Prancha 172, sobrado.

A commissão pede ás pessoas da corte ou do interior que desejarem ter a Revista, queiram enviar seus pedidos ao lugar acima.

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO



Rio, 15 de Novembro, 1882.

IS o nosso primeiro passo, duvidoso e incerto como o da criançinha que, depois dos cuidados maternas que a aperfeiçoam e preparam para receber os impulsos de uma vida que começa, entra no primeiro periodo da perfeição humana.

Mas, como a criança, necessitamos mãos que se nos estendam, tomando a nossa e guiando-nos por um caminho plano e desrido d'esses tropeços invisíveis que se oppõem á marcha progressiva do ser.

Somos o filhinho implume da aguia — litteratura — que, admirado dos seus vôos rapidos e grandiosos, com o biquinho entreaberto, batendo as azinhas tenras, oussamos deixar o ninho para acompanhar seus movimentos, no espaço brilhante das regiões da poesia.

Somos um bando modesto de pequenos talentos, ávidos de saber para bem engrandecermos a patria, de luz para que não nos offusquemos com a de estranhos, emfim, de coragem e força propria para não queimarmos, nas lavas encandescentes do volcão — ignorancia.

Caminhamos para o dia ; trabalhamos para gosar descuidosos e conscientes o nosso porvir ; estudamos para bem comprehendêr o alcance dos nossos proprios esforços e, quando no futuro, dizermos aos nossos descendentes :— Eis o que somos e o que fomos. Um nome glorioso vos precede e honra.

Eis ahi a vossa herança, producto do nosso trabalho e fructo dos nossos estudos ; respeitai-a, pois, que é digna d'isso

Nascemos para a luz, pertencemos á vida social.

O nosso cérebro obedece aos impulsos do patriotismo.

O nosso coração bate celere e arrojado, movido

pela liberdade, tal como é, veneranda e santa, singela e nobre, muito mais digna de respeito dos nossos homens de hoje que, transformando a filha do Christo em uma materia vil, mostram-n'a á geração nova convertida em estatua de gelo sobre um pedestal de granito.

A nos a politica é a nossa aspiração : não corrompe, emenda ; não destróe, eleva.

Na nossa tribuna plantámos a bandeira da reciprocidade, tremulando garbosa ao ciciar das concepções grandiosas dos mestres que ornam a nossa modesta bibliotheca.

Eis o que somos.

Unidos fraternalmente, tivemos um principio — a eschola ; concebemos um fim : — abrangermos n'um amplexo mutuo tudo o que é bello, grande e nobre : — o estudo ! —

Se nos pensamentos expressos nas columnas despretenciosas e pobres do nosso pequeno jornal houver erros, o erro é dado aos homens ; vaidade, foi uma fraqueza ; ambição, perdoai-nos, é por muito querermos a patria.

Eis a nossa divisa : — *

Trabalhar, que o trabalho enobrece, a nobreza honra e a honra é tudo.

PROGRAMMA

O Centro Litterario, no Rio de Janeiro, é uma associação composta de brazileiros e portuguezes maiores de 15 annos, em numero illimitado, para os fins seguintes :

- 1.º Desenvolver o estudo e cultivo das letras.
- 2.º Animar a litteratura vernacula pelos meios ao seu alcance.
- 3.º Dar publicidade a obras ineditas de merecimento que lhe forem offertadas.
- 4.º Reimprimir as obras dos melhores classicos da lingua.
- 5.º Effectuar a compra e ser editora de qualquer obra de reconhecido merecimento, sempre que lhe convier e seus recursos o permittirem.
- 6.º Publicar mensalmente uma «Revista» com as producções dos socios de todas as classes, se taes producções forem previamente approvadas pela commissão de redacção e censura.
- 7.º Celebrar sessões litterarias quinzenaes, onde se discutam pontos de historia, sciencias, artes, lit-

teratura, e quaesquer outros ramos de conhecimentos humanos, exceptuando politica militante.

- 8.º Formar uma bibliotheca de obras offerecidas ou adquiridas, e diccionarios dos melhores autores classicos, livros, compendios necessarios á compôr uma bibliotheca da lingua patria.
- 9.º Assignar os jornaes e revistas illustradas do Brazil e Portugal.
10. Estabelecer relações e correspondencia com as associações brazileiras e portuguezas congeneres, com editores e homens notaveis por conhecimentos litterarios e scientificos.

CENTRO LITTERARIO

A
Julieta Monteiro

O. D. C.

SENHORA, os teus — Preludios — sublimes, inspirados, Já foram um a um, relidos, devorados, das mentes juvenis, famelicas, vorazes, d'ambrozias celicas, de inspirações vivazes : e os olhos incendidos d'auroras idéas, banharam-se no goso dos cantos divinaes ! Por isso, os teus *Preludios* sublimes inspirados, já foram um a um, relidos, devorados !

Ainda embriagados da opipara ingestão de angelicos manjares da tua inspiração, temêmos despertar da doce lethargia, na horrenda solidão, sem luz, sem harmonia : sem ter *Preludios* novos que ler, que devorar, e em cantos divinaes a mente inebriar, ainda embriagada da opipara ingestão, dos celicos manjares da tua inspiração !

Escuta, oh meiga afflita; não chores; na soiдаo
essas horas de dôr das noites de verão,
são horas melancolicas, de esplendidos *lyrismos* :
e quando a *sensitiva saudoza* em paroxismos,
no *ermo*, se confrange na intima agonia,
então a lyra inspira-se em mystica poesia !
Escuta oh rôla afflita; nas noutes de verão,
não magões *teus olhos* e então uma canção !

Mergulha a phantasia gentil e vaporosa nos sonhos rezielr da muza suspiroza ; não indagues *quem somos*, que a *ti, a mãe, ao Sol*, pedimos mais auroras de lucido arrebol ! *Lembraste? os prantos do desrido e só,* são inda os fragmentos de um *forgetme not!* Mergulha a phantasia gentil e vaporosa, nos sonhos iriados da muza suspiroza !

Não deixes, poetiza, que o aspero *realismo* perturbe de tu'alma o candido *lyrismo* ; e que a Locomotiva a sibilar na vargem, dispute ao ideal a esplendida miragem. Embora os bardos novos, os bardos do *dinheiro* pendurem suas lyras dos ramos do Ingazeiro, não deixes, Julieta, que o rude *realismo*, conturbe de tu'alma o candido *lyrismo* !

E' em ti, na mulher, essa divina essencia, formada de explendores, de luz, de intelligencia ; composta dos sorrizos das rozas alvoradas, dos grandes prismas louros das tardes iriadas ; da fragrancia das rozas, da candidêz dos lyrios, dos mysticos arroubos de angelicos delirios ; é em ti, na mulher, essa devina essencia, que existe o ideal, o bello, a omnipotencia !

Quando a mulher *ha consagrado a lyra* que sente, que palpita, e que suspira, no *magestoso altar* da grande *natureza*, *tudo se adorna e enflora de ideal belleza* ! Tudo é grande na terra, é tudo encanto, nada ha mais terno e doce, do que o canto, quando o amor, a saudade pulsa a lyra. da mulher que palpita e que suspira !

Canta pois, Julieta, ah ! canta ; preladia suavissimos acordes de celica harmonia ! Não esqueças que nós, tememos despertar sem ter preludios teus, que ler, que devorar : sem termos as torrentes dos cantos inspirados, onde banhar de luz os olhos fatigados ! Canta pois, poetiza ; ah ! canta, preladia, os acordes suavissimos, de angelica harmonia !

Centro Litterario, 20 de Outubro 1882.

A COMISSÃO.

O SECULO XIX E A GLOTTICA

É ainda o nosso seculo o que solve, o grandissimo problema das origens da linguagem.

A philologia comparada já tem ramificado sciencias, cuja importancia e utilidade marcarão epocha nos fastos da humanidade,

A descoberta do *Zend* e do *Sanskrito* dando-nos o *AVESTA* e os *Vedas*, são acontecimentos mais que sufficientes para glorificar o seculo XIX.

As opiniões que, até então, se sustentaram sobre as origens da linguagem, apenas servem para documentar a sagacidade arguciosa, a finissima maleabilidade do intellecto humano.

O Sanskrito abrio novo caminho ao empirismo etymologico.

Houve quem classificasse este dialecto indiano, como a primeira lingua original do homem.

Outros, mais commodidos, tomam o Sanskrito como representante do grande grupo *indo-emeopeo*, seguindo a luminosa classificação de Schlegel, mas. excluindo d'esta communhão, com solemne autoridade, todos os outros grupos, e, nomeadamente, os grupos Semito-Kamitas.

Mais tarde provou-se que o Sanskrito, nada mais era do que uma lingua congenere e derivada, com todas as outras, como o Zend, o grego, o latim, e, o que é mais, com todos os grupos, ainda mesmo e principalmente, os Semito-Kamitas !

As investigações scientificas avançam sempre.

O sabio não cansa.

Champolion acha o enigma do hieroglypho ; constitue a sua grammatica e diccionario ; forma-se a *Egyptologia*.

A vida do homem, a sua constituição, a ethnografia, finalmente vão ter factos e incontestaveis documentos para a sua historia.

Joaquim Menant o grande assyriologista, escava Ninive e Babylonia, revolve os palacios de Ninrud, de Khorsabad, de Nabuchodonosor ; interpreta e traduz os cuneiformes, deixa-nos conhecer a litteratura assyria e forma a grande sciencia — *Assyriologia*.

As tradições prehistoricais entram no domínio histórico.

A Mesopotamea, o vasto plaino de Sannaar vão-nos fornecer documentos originais, contemporâneos dos antigos séculos; as nubulosas tradições, vão entrar no cadiño da analyse, e, passarão ás novas gerações com a sancção da critica severa e judiciosa.

A epigraphia e a paleographia archeologicas estatuirão as suas leis seguras e infalíveis.

Quasi todos os philologos da nossa época são concordes em aceitar a unidade linguistica, e apontam como lingua mãe, ou unilitera uma que, nos tempos primordiaes se fallou na Asia Central.

Esta lingua, sofrendo evoluções e assimilações de dezenas de séculos, de variadissimas dependencias physiologicas, climaticas e geographicas, constitue o fundo, a raiz da dialectologia universal.

Por mais paradoxal e controverso, que pareça este problema, está elle plenamente resolvido pelo grande Levy-Bing — o Colombo da linguistica.

Esperamos os trabalhos comparativos d'este illustre glottologo, e, principalmente o seu dicionario phenicio poliglotta, no qual prova que é o phenicio, lingua Semito-Kamitica a unica e verdadeira representante da lingua mãe, por ser a primeira lingua alphabetica, por ser a inventora do alphabeto.

Do panglottismo comparativo nascerá a lingua universal. Será ainda o século XIX o restaurador o iniciador da unidade linguistica, e, conseguintemente o creador da confraternisação universal.

JOAQUIM JOSÉ MARQUES.

FILHA SEM MÃE

Eu sou a infeliz pobre esquecida
Chorando a perda d'uma mãe querida
N'esta terra...

— Pomba deixada ao dô e á soledade,
Do valle oppresa de cruel saudade
Lá na serra.

Lembro-me ainda, bem pequena eu era,
Quando sorria em gala a primavera
Nas campinas,
Ia passear no meio da floresta
Com minha mãe, colhendo a gieste
E boninas.

Lembro-me ainda dos carinhos ternos,
Dos meigos brincos e beijos maternos
Ao serão;
Brincava alegre pelo bosque escuro
Nas ribanceiras e regato puro
Com meu irmão...

Depois, sumiu-se minha mãe querida,
Desamparou-me n'este mar da vida
De amargura;
Na minha choça inclino-me de dor
Como a pendida fronte d'uma flor
Linda e pura.

Os meus dias passo exposta ao sol
Scismando ao doce canto do rouxinol
Nos arvoréos;
Nem uma hora, um só momento existe
Que não me traga uma lembrança triste
Dos meus folguedos...

Rio de Janeiro.

JOÃO JOSÉ DE PINHO E SILVA.

Bellas Artes



...AS, quem ousa fallar em bellas-artes?

— Eu, meus senhores, triste e apedeuta, que não sendo inquilino de *rodapé*, tenho comtudo a pretensão de entender um bocadinho do *riscado*.

E sem mais preambulos, direi já que fui á exposição dos quadros do Sr. Almeida Junior, artista brasileiro, discípulo do afamado Cabanel.

A tela que vi primeiramente, foi uma de assumpto religioso: — *A fugida para o Egypto*. Era, pois, um quadro sacro.

Preciso é dizer-se que um quadro desse genero, deve ser feito com verdadeiro sentimento religioso; seus personagens, com desenho quasi ideal, á força de ser correcto; o colorido deve ter um *qué* de phantastico, capaz de imprimir á tela um cunho de mysticismo.

Sem ter estes requisitos, é de presumir que o quadro sacro, em vez de infundir respeito ao observador, apenas conseguirá provocar-lhe o riso.

E, nesse caso, o *fiasco* é certo.

Felizmente, *A fugida para o Egypto* está completamente livre de cahir nesta triste collisão.

Bem livre, na verdade; porque olhando-se para aquelle quadro, a nossa imaginação é logo arrebatada ás mysticas éras passadas e passam-nos pela mente todos aquelles dramaticos episodios, que inspiraram os antigos pintores.

Tem, pois, este quadro o grande merito de, ao primeiro lance de vista, impressionar-nos agradavelmente, pela imponencia das linhas exteriores.

Vejamos agora se esta primeira impressão não desmerece ao analysarmos as expressões physionomicas dos personagens. Antes disso, porém, será bom dar-se a conhecer as condições estheticas do quadro. E' simples:

No centro da tela vê-se a Virgem sentada sobre o animalejo — o qual bebe agua em limpido regato — tendo as redeas tomadas na mão direita e sustendo com o braço esquerdo parte do corpo do Menino Deus. De pé, ao lado direito da Virgem, S. José — um tanto encostado ao animal — olha respeitoso para o fructo sagrado das virgens entradas.

Ao fundo divisa-se vagamente uma cidade.

A Virgem que, pela disposição do quadro, é a figura principal, tem uma expressão cheia de encantador enleio, de virginal pudor; conjunto de belleza ideal que revela um ser divino. Uma expressão de não fingida castidade — que é inquestionavelmente a que vai melhor á meiga virgem de que nos falla a Biblia.

O Menino Deus é admiravel!

Deitado no regaço da Virgem, com a cabecinha reclinada em seu braço, Elle fita os olhos no horizonte, onde o sol vai-se escondendo.

Aquella cabeça de creança, bem conformada, bem desenvolvida, correctamente desenhada; as feições accentuadas com energia, o olhar penetrante magnetizador, a querer devassar os mysterios da natureza; — todos os caracteristicos, emfim, de uma superioridade absoluta — mostram-nos claramente que aquelle menino é um ente sobrenatural. Conhece-se logo que, occulto n'aquelle tenro envolucro, existe um sabio — tal é a *vida* que o pintor soube imprimir áquelle divino infante.

A figura austera de S. José, está representada com muito sentimento: é uma figura bella, santa, cujo rosto extasiado exprime a um tempo, admiração, umas sombras de tristeza e uns clarões de alegria.

Semelhante expressão, onde assomam esses tres sentimentos predominando o da admiração — é, a meu vêr, a mais propria de um santo que, por mysteriosa revelação, sabia o futuro do Menino Deus.

O artista soube dar a este quadro um *tom* phantastico, suficiente para elevar-nos a imaginação. O colorido brilhante, o claro-escuro leve, suave, *vaporoso*, mais realçam a concepção artistica.

Finalmente, o manejo do pincel é feito com *largueza* e sem hesitações, denotando mão de mestre.

Com tudo, não direi assoutamente que *A fugida para o Egypto* seja um quadro verdadeiramente sublime.

Outra tela, pela qual bem pôde-se aferir o talento do Sr. Almeida Junior, é a que tem por titulo: — *O repouso do modelo*.

E' um quadro realista, mas de uma realidade limpa, e não desta immunda, hoje muito em voga.

Representa um luxuoso *atelier*.

O *modelo* — uma bellissima mulher — achando-se fatigado, vai descansar; senta-se ao piano, e, percorrendo-lhe as teclas com os mimosos dedos, executa uma composição de Offenbach. O artista — que está sentado defronte do cavalete, a pintar — é alegremente sorprehendido pela perícia da pianista; e quando termina a musica, elle applaude a executante, que por sua vez, retribue o comprimento, sorrindo-se-lhe meigamente. Eis o original momento que o pintor escolheu para assumpto do seu quadro.

O *modelo* mostra um bello tronco nú, de costas, os braços em escorço e a cabeça de perfil — tudo correctamente desenhado, admiravelmente colorido.

A cabeça é de rara perfeição: belleza de traços, grande relevo e expressão plena de alegria e meiguice.

O nú é magistralmente modelado e, pelo seu colorido, vê-se que é de uma natureza robusta, exuberante de mocidade.

O panno listrado que lhe envolve parte do corpo, é linda e artisticamente colorido; sendo o seu desenho feito de modo, que deixa adivinhar as bellas fórmas que esconde. O bem executado escorço do braço esquerdo, deve satisfazer aos mais exigentes criticos.

Nesta figura, como em todo o quadro, ha tal *sua-vidade de tons* — a par de grande energia de traço — que encanta e entusiasma.

A figura do artista que applaude a douda phantasia do *modelo*, está muito expressiva de physionomia.

Os variados objectos que ornam o *atelier*, são pintados com extrema naturalidade: têm extraordinario relevo. Um sujeito vi eu, que foi certificar-se — pondo o dedo na tela — se realmente eram de louça dois finos pratos que estão na parede do *atelier*.

Este simples acto do curioso, constitue uma prova do que disse.

Tenho ouvido dizer que é boa pratica não se pintar muitos accessorios em um quadro pois que tornam-se as figuras *acanhadas*. Mas, no quadro do Sr. Almeida Junior, ha muitos accessorios, e, no entanto, não se dá tal facto: — ha espaço para todos os objectos que se nos mostram nitidamente, que se conservam nos seus planos, sem que da quantidade delles resulte *acanhamento* para as figuras.

Ha neste notavel quadro, ar, luz e, portanto, vida.

Resumindo, direi que a tela intitulada — *O repouso do modelo* — é, pela correção do desenho, variedade e harmonia de colorido, um primoroso mimo, artisticamente trabalhado.

Duas *Academias* que tambem vi, devérás me contentaram.

Estamos acostumados a olhar para umas *coisas*, sem desenho, feitas... a ponta de lingua — salvo pequenas excepções — a que dão o nome de *Academias*... Imagine-se, pois, a intensa alegria que senti, a grande satisfação que experimentei, quando, avidamente, contepliei aquelles dois irreprehensíveis estudos, os quaes são, quer em desenho, quer em claro-escuro, duas joias artisticas.

Não querem dar-me mais espaço...

Afinal, considerando bem, isto é uma providencia, porque eu havia de dizer algumas palavras a respeito dos outros quadros que completavam a exposição... Ora, justamente, esses outros quadros, não possuem tanto merecimento como os de que já falei.

... Então comprehende-se porque a falta de espaço é *uma providencia*...

Agora duas palavrinhas:

Um senhor critico notou erros de perspectiva n'um dos quadros do Sr. Almeida Junior — julgando que os objectos são uniformes. Pois continue S. S. com o mesmo sistema de criticar, que eu irei applaudindo o joven pintor; e, no fim da *historia*, veremos quem vencerá.

A plena convicção que tenho de que o Sr. Almeida Junior não é uma mediocridade, e a fé que deposito em seu robusto talento — dão-me inteira certeza de que serei o vencedor.

Para terminar.

Dizem por ahi que o publico não gosta de pinturas: mero engano senhores maldizentes.

Façam exposições de quadros em lugar mais limpo e mais decente; annunciem que, em uma sala contigua haverá, para ser gratuitamente distribuidos, doces, sorvetes e musica de realejo, e verão então como o *respeitavel publico* concorre a exposições de pinturas...

Experimentem.

J. L. REIS.

A. D. ANGELINA PORTO

HOMENAGEM DO CENTRO LITTERARIO

Appareceste um dia na sala do Lycéo, qual surge no horizonte esplendida alvorada; tinhas a fronte gentil raborizada, e o olhar semi-velado em pudibundo véu.

Soltaste emfim a voz argentea, avelludada, canóra como um trino, da doce Philoméla; e recitaste alli uma poesia bella, em que reproduzias tu'alma enamorada.

Inda te escuto hoje, as notas sonorozas, do canto modulado d'ignotas harmonias, dedilhadas por ti, na lyra peregrina!

Por isso te dedico as flores perfumosas, celhidas no jardim das doces sympathias; são puras e sinceras; aceita-as, Angelina!

Novembro, 15—1882.

DUARTE PORTO.

UM CASAMENTO NA ROÇA

Seis annos levei a curtir as saudades que tinha pela minha linda e pequena povoação natal, que me passava sempre pela imaginação com as suas casinhas brancas e o seu largo espaço ornado pela igreja matriz, circundada pelo cemiterio, onde se erguem os vultos sombrios das catedrâmbas, com seus marmores e epitaphios e os ciprestes, por entre cujas folhas se esgueiram aligeras, as andorinhas; e lá em baixo, na *grotta*, o rugir do *Parahyba* que, espumante, se despenha sobre um precipicio, enviando aos que passam pela estrada uma poeira fina de agua.

Seis annos levei a curtir estas saudades, que eram profundas; mas um dia, e foi ha pouco tempo, eu, como o Manrico do *Trovador* que diz:—*Corro á salvar-te!* resoluto e avigorado pela força da vontade, exclamei:—Corro á vêr-te, minha terra amada!

E minha resolução effectuou-se.

Oito dias depois, uma locomotiva da via-ferrea Pedro II transportava-me ás terras da bella estrella do Sul, a minha grandiosa província, e atirava-me nos braços de meus irmãos.

As minhas saudades satisfizeram-se e a minha vista deslumbrou-se ante tantas bellezas que a magica natureza soube dotar com apurado esmero e, orgulhoso e robustecido o amor ás minhas paragens, deixava-me ficar horas e horas sentado em uma pedra a ver deslizar as aguas limpidas do *Parahyba* e a ouvir a musica dos passarinhos!

Tudo bello, immensamente bello!

Mas, no meio de tanta alegria, de tanto divertimento, eu, ás vezes, mudo, deixava-me cahir n'uma tristeza incomprehensivel para alguns, e algumas lagrimas se me desprendiam dosolhos... Era que faltava-me o concerto harmonioso da familia; lembava-me de meu pai e de minha, mãe que um oceano separa de mim.

Um mez depois, e foi n'uma quinta-feira, dirigi-me á meu irmão e disse-lhe:

— Parto para a corte, no sabbado.

— O que dizes?

— Parto sabbado...

— Não podes!

— Porque?

— Ainda agora, andavas á caça, e aqui esteve o nosso vizinho e amigo capitão Sá, que veio propositalmente convidar-nos para a festa que no sabbado...

— Festa?

— Sim, casa uma filha com o Chiquinho Barboza.

— Mas tu é que fostes convidado e não eu...

— Não, senhor! atalhou meu irmão; o capitão Sá declarou-me que não me esquecesse de te levar; logo, seria indesculpavel a tua falta...

— Fico, respondi.

E n'aquelle momento lembrei-me do caracteristico dos bailes da roça, dos *caterêlês*, do *jongo*, etc...

Sabendo que o capitão era um homem destituido de vaidades, um verdadeiro mineiro na extensão da palavra, isto é—franco, bom e leal; e sabendo mais que sua casa era um viveiro de moças bonitas, tornava-se impossivel que eu não me dobrasse á logica de meu irmão.

E fiquei.

Chegou o sabbado. Eram duas horas da tarde e eu já me achava enfardado em uma lustrosa camisa.

Pouco depois seguimos, eu, meu irmão e outras pessoas, caminho fóra em direcção á casa do capitão. Já de longe avistavamos o vasto terreiro todo enfeitado de *bambus* e folhas dispersas pelo chão.

A casa era terrea, pintada de novo, e tinha um aspetto alegre e festivo. As luminarias pullulavam por todas as alturas; cestas repletas de petalas de flores esperavam os noivos, que tinham ido á igreja, que fica um pouco retirada da habitação do capitão Sá.

Era uma confusão, um alvoroço!

Aqui, era D. Joaquina, a velha senhora do capitão, que ordenava ás mucamas certa serie de serviços; e acolá, o Sr. Manduca, o feitor, que todo encolerisado reprehendia os escravos. O capitão Sá, todo *untado* de rapé, de chapéu de Chile desabado, e todo atrapalhado, recebia um convidado, semelhava folhas e flores em diversos lugares, dava um ponta-pé n'um moleque, contava uma anedota ao professor publico Claudio Pestana, ia abrir uma porteria, enxotava as gallinhas e pintainhos que por alli andavam, etc., emfim, era um apparelho electrico o capitão Sá, apezar das suas atrapalhações.

Enquanto que o Sá se atrapalhava o mais que podia, D. Joaquina, na coinha, atarefada, habilidosa, amassava os doces, e, bondosa e branda como toda a senhora mineira, não tinha uma palavra aspera, rude, para repreender as escravas a quem ella ajudava. E quem estivesse contemplando aquelle trabalho bem determinado, certamente só ouviria da boca d'aquelle santa senhora, estas palavras:

— Ludovina, tu te descuidaste! Laura, olha para aquelles rebuçados que se queimam... estás tonta! O Isaura? filha, tu não fizeste o que eu te disse!...

(Continua).

VELINO LISBOA.

A' D. ALZIRA BRAGA

HOMENAGEM DO CENTRO LITTERARIO

Estavas ao piano : teus dêdos asfildos.
corriam no teclado, quaeas doudos colybris
percorrem nos jardins, travessos e gentis,
as petalas das rosas, felizes namorados.

E as notas saltitantes dos trechos inspirados,
turbilhonavam loucas, phantasticas, febris,
como uma legião de esplendidas houris,
dançando á luz d'aurora nos edens encantados.

Depois, como cansada de loira phantasia,
feriste o doce acorde das harmonias graves,
tão doces como o sonho do anjo que sorri !

Então, ouvi a préce da Sacra — Ave Maria,
em notas melancolicas angelicas, suaves,
da lyra aureolada do autor do — *Guarany* !

Novembro, 15—1882.

NÉMO.

Bom tempo !

— Quiah ! Quiah ! Eia ! Plé !...

Eram estas, mais ou menos, as minhas interjeições, quando, em erança, eu me repimpava.... sobre uma meza, para *fingir de cocheiro* (segundo a minha phrase de então).

Aquelle — Plé ! — era a imitação mais approximada que eu fazia do estalo produzido pelo chicote a cahir sobre o dorso de uns animaes imaginarios.

E lá ia o carro, até que eu, no auge do entusiasmo cahia da meza, com grave prejuizo do meu desgraçado nariz, que era o — *paga-tudo* — nessas occasiões.

Isso era no bom tempo; n'aquelle tempo em que as geléas ainda não eram bastante conhecidas, como hoje.

Que supremo gosto sentia eu, quando, ao regressar do collegio, achava uma lata de goiabada; amassava-a e ostentava d'ahi a pouco, sobre o — *paga-tudo*, — uma lamina de folha, em fórmula de oculos !...

Que delicias experimentava, quando, achando minha boa avó á dormir, ia, com a pericia de um pintor consumado, desenhar-lhe um formidavel par de bigodes á carvão !

Mas depois, para desmanchar o seu sabor, quanta reprehensão, quanto cascudo *amigavel*, quanta praga benefica eu tinha de supportar !

Mas, aquillo tudo passava, e d'ahi a pouco, voltava á fazer das minhas.

Bom tempo, aquelle ! Bom tempo !

Lembro-me perfeitamente, como se fôra hoje, de uma travessura que, longe de me custar uma reprehensão ou um cascudo amigavel de minha avó, custou-me quatro furiosas palmatoadas de meu pae.

Foi a seguinte :

— Fazia annos meu irmão mais velho (que hoje é tenente-coronel do batalhão da reserva da guarda nacional no Ribeirão Secco), e meu pae, amigo de folguedos, organisou um opiparo jantar para solemnizar o dia.

Desde manhã que eu andava *de olho* com uma formosa gallinha que, na opinião da cozinheira, devia ser a peça mais importante do jantar.

Aquellas pernas ossudas, cobertas de uma pelle amarella, tinham para mim uns encantos fascinadores.

No meu pequeno cerebro formigavam idéas terríveis, assustadoras !

Aquella gallinha não podia de forma alguma ser comida !

Era humanitario, pois não era ?

E tanto pensei n'isto, que tomei a minha resolução, uma resolução heroica !

Era forçoso salval-a ou então eu deixaria de ser um ente humano

Approveitei a occasião em que a cozinheira tinha ido rachar lenha e zás !... surrupiei a gallinha do alguidar. Em seguida fui escondel-a.

Gritos, pragas... o diabo ! Nada disso faltou quando a cozinheira deu pela falta da peça importante.

Mas eu soube conservar-me na altura da minha resolução e atribui o furto ao *Cacique*, um cão guloso e malandro que não fazia mais de que dormir e comer.

Passou enfim, a atormenta, e eu respirei.

A's tres e meia chegou o primeiro conviva, depois o segundo, o terceiro, o quarto e d'ahi por deante.

A minha attenção foi, porém, atraída pela figura imponente do Sr. Felizardo do Amor Divino, velhote de sessenta annos, baixo e gordo como todos os velhotes que são convidados para jantar.

Que soberbo *paletot* trazia elle !

A's quatro horas deram o signal e eu, vendo o Sr. Felizardo a resomnar á um canto, fui cauteloso como um larapio, até elle e fiz desapparecer dentro do seu famoso bolço a não menos formosa gallinha.

Estava salva a patria !

Depois compuz a minha physionomia radiante e sacudindo-o por um braço, gritei-lhe ao ouvido :

— Seu Felizardo !

— Heim ? O que foi ? perguntou elle muito espartado,— já estão jantando ?

— Já, sim, senhor, e eu vim convidal-o para, ao menos, comer alguma cousa na sobremesa, visto que não quiz jantar.

— Mas, eu não disse que não queria !... Que desgraça, meu Deus ! Pois vamos lá !

E este precipitou-se para a sala do jantar sem mesmo esperar que eu o guiasse.

— Oh ! Sr. Felizardo ! disse meu pae ao vel-o. Ao menos a sopa ! Não gosta !

— Muito... de... (aqui abafa um bocejo) de todos os doces... (aqui, outro) é do que muito gosto !

Ninguem se pôde conter.

Desmanchado o engano sentou-se o Sr. Felizardo e, socegadamente, sem mesmo se encomodar com as pilherias dos circumstantes, principiou o seu *sacrificio* (palavra que até hoje lhe contesto).

A' sobre-mesa é que eu devia executar o meu plano.

Chegado o momento, eu, com a cara mais ingenua que se tem visto, perguntei á meu pai :

— Papai, o Sr. Felizardo tem casa ?

— Que pergunta tola ! observou meu irmão, o tenente-coronel.

— Tem, sim, meu filho, respondeu meu pai.

— E filhos...?

— Outra ! regoucou minha avó.

— Tenho, sim, nhô-hhô ! respondeu a victim da minha ingenuidade.

— E elles gostam de gallinha ?

— Cala essa boca, tolo ! disse o outro meu irmão, que não era tenente-coronel... futuro, mas que queria ser presidente da camara dos deputados.

— Gostam muito ! respondeu o Sr. Felizardo. — Porque ? quer mandar-lhes alguma ?

— Eu queria, mas...

— Então, porque não manda ? interpellou o tal, o tenente-coronel.

— Não mando porque o Sr. Felizardo é capaz de dizer que é d'elle...

— Menino !

— Nhô-nhô !

— Espera, malcreado !

— Atrevido !

— E é, sim ! Pois os senhores não viram o que elle fez ? !

— Nhô-nhô, come doce de coco, está bom ! ... Olha como está gostoso !

— E'... O senhor está disfarçando porque não quer que eu conte, mas eu bem vi esconder a gallinha gorda no bolso...

— Nhô-nhô !

— Menino !

— Atrevido !

— Espera, malcreado !

O Sr. Felizardo, para *disfarçar*, quer puxar o lenço do bolso, mas em vez d'elle, sahe a famosa gallinha presa por uma aza.

Tableau !

O Sr. Felizardo faz-se de mil cores e balbucia um milhão, ou talvez mais, de desculpas, para provar a sua innocencia.

E eu já estava todo satisfeito do exito da minha empreza, mas, ah ! O meu plano não tinha sido bem combinado, de fórmas que, quando meu pai viu a gallinha percebeu logo que alli andára a minha mão, e... abriu namesma occasião rigoroso inquerito que deu em resultado... as quatro palmatóadas de que já tive occasião de fallar (sem saudades).

Jurei nunca mais salvar gallinhas, e até ao presente tenho cumprido escrupulosamente o juramento.

Ah ! Bom tempo ! Bom tempo !

Talvez por ter sido o que fui, não posso ouvir a sangue frio estas extremosissimas más de hoje :

— Rita, tira esse menino da *humidade* !

— Nêne, sahe do sol !

— Sêu Joâosinho, faça esse menino dormir, que já são sete horas !

— Sêu Duarte... não dê no Antônico ! Coitadinho ! Tão magrinho !

Infelizmente, ouve-se isso em todos cantos.

Por isso é que a creança de hoje nunca chega á tenente-corouel !

Ah ! Bom tempo aquelle em que meu irmão, o outro, queria ser presidente da camara dos deputados !

Hoie ! ...

ABEL PORTO.

TRIOLET

(A LOPES DOS REIS)

Tu és um joven sympathico,
de intelligencia brillante,
assaz garboso e galante,
tu és um joven sympathico.
A's vezes ficas seismatico,
porém vem logo a pilheria,
fazes rir a gente seria....
tu és um joven sympathico

L. F. DE OLIVEIRA.

Traços geographicos do rio DOURO portuguez e alguns biographicos da sua marinhagem

 ENTRE os muitos rios que Portugal contem em seu ameno solo, como : — Tejo, Douro, Mondego, Lima, Guadiana, Sado e Vouga, além de muitos outros seus confluentes, são poucos, ou nenhuns, os que conservam uma activa e constante navegação fluvial. Se bem que todos sejam notaveis,

ou por uma ou outra cousa, não existe um que possua tão atroz ferocidade como o *Douro*, nem nemhumaas outras margens são tão ricas e productivas como as suas. O *Douro* parte a norte e sul com a provincia do Douro, capital — Porto ; com a do Minho, capital — Braga ; com a da Beira-Alta, capital — Vizeu ; com a de Traz-os-Montes, capital — Villa-Real ; com a da Beira-Baixa, capital — Castello-Branco. O *Douro* banha os sopés destas cinco provincias e faz-lhes a sua completa riqueza, já por que fornece aos seus habitantes menos abastados trabalho quotidiano, já porque lhes offerece os fructos de seu seio : — A boa *lampreia*, o bom *sárel*, *muge*, *escalho*, *barbo*, muitos *sólhos* e algumas *trutas*, e quando apparecem estas duas ultimas qualidades de peixe, admira-se não só as suas lindas cores, mas tambem as suas formas gigantescas, por isso que já se tem pescado *sólhos* de 180 kilos ou 12 arrobas de pezo ! ! ! . . .

O *Douro* nasce na Hespanha a 15 kilometros de distancia do limite de Portugal — *Barca d'Alva*, e percorre em terreno portuguez 140 kilometros aproximadamente, isto é, desde a Barca d'Alva até S. João da Foz, no Porto. Este rio é navegavel em todo o seu comprimento e o unico transportador dos afamados vinhos portuguezes ; é muito mais feroz quando pequeno do que quando excessivamente crescido pelo motivo de conter em si penedias assombrosas, que têm, a maior parte, formado o seu pedestal no fundo das aguas ; porém tambem possue certos *pontos* que, com determinada quantidade de agua, prohibem a navegação, por exemplo — *Bulla*. Este *ponto* é o mais prejudicial que tem o *Douro*, porque tem um paredão que alli levantaram para o ajuntamento das aguas, cujo, é o verdadeiro algoz de toda a marinhagem empregada n'aquelle via, pois que, trazendo a agua a lavar-lhe o cume, não consente que barco algum tenha passagem em sua frente, salvo se tiver em vista ficar submergido nas aguas de sua maldita garganta ! D'ahi vem o dizer-se, lá em Portugal, quando alguma ruina ha entre familias, presenciada por alguem : — *Anda Bulla em cabeça !* — justamente a expressão timorata dos marinheiros na occasião em que as aguas do *Douro* lavam a *cabeça* (cume) do ponto supradicto ! ! ! . . .

Figueira-velha, *Cadão*, *Piar*, *Cachucha*, *Cachão*, *Górça*, *Loureiro*, *Furcada*, *Tojal*, *Cardia*, *Escarnida*, *Fieis de Deus*, *Ponto Novo*, e outros muitos pontos, dos quaes não me recordo, são outros tantos precipícios, e differem do ponto *Bulla* pelo simples facto de concederem passagem aos navegantes com todas as marcas das aguas que, no estio ou inverno, affluem ao *Douro*, não obstante offerecerem os mesmos perigos, previstos antecipadamente por aquelles a quem é entregue a direcção do barco : — é nestes pontos que o *arraes* mostra a sua grande sciencia, não cessando de pronunciar as seguintes palavras : — *A' Baião !* — *A' Rezende ! Chega mais do pégo !* (pélagos) — *Mais um bocado p'ra terra ! Embrulha esse cabresto !* *Essa vella recolhida ! Olha essas escótas !* E a seu turno grita o da prôa : (feitor) *Sér meu amo ! A prôa di-*

reita p'r'áquelle bulho, p'ra comer aquella agua forte, que nos vem pela ré!.....

— Repugna-me mencionar o terror que existe n'aquelles que sondam os trabalhos da marinhagem, principalmente quando sucede qualquer naufrágio ; todavia darei alguns pormenores, porém, resumidos : — Um barco pôde ter a lotação de 90 pipas, cheias, ou 95, mas nunca d'ahi para cima ; a sua tripulação deve constar de 20 ou 30 pessoas inclusivè o *arraes*. Destas, empregam-se na *espadella* (leme) 10 a 12, e o resto nos remos, quando em viagem para o Porto. O *arraes*, unico e exclusivo governante, é sempre o da frente da *espadella* e os seus confidentes são os ante-immediatos ao seu posto, os *quaes*, ao tempo que *peijam*, (desandar o barco), levam nas mãos uma grossa corda (cabo) com que circundam os tórnos da mesma *espadella* para evitarem que a força das aguas os lance no rio e o barco tenha rumo diferente. Então o *arraes*, proximo a algum ponto, que infunde temor áquelles que se lembram dos seus caros e tenros filhos, principia a animar a sua gente : — *Rapazes, animo ! Vamos com Nossa Senhora da Guia, do Rosario, das Dores, do Carmo, dos Afflictos, da Apparecida.... Deus nos ajude, rapazes !*

Elles a uma só voz respondem : *Amem, sér meu amo !*

— Ao passar o ponto eis que uma serra de agua entra pela prôa do barco e molha inteiramente os remadores ; estes ficam assustadíssimos, estupefactos, julgando que já estão a dar comida aos peixes com seu proprio corpo, o *arraes* lhes torna : — *Rapazes ! não tenhaes receio, nem vos assusteis ! Senhor dos Desamparados, das Boas-novas, etc., etc., nomeando tantos Senhores, como tinha antes nomeado Senhoras, chamando por elles e juntamente pelo moço (semihomem) para que traga um *cavalo* cheio de vinho.*

A isto juntam os marinheiros : — *Então, sér meu amo, não fazemos lastro com uma céga ? Nós precisamos purparar-nos para dar comida aos peixinhos, e quem vae para o outro mundo precisa lubar os alforjes ! O arraes annue aos pedidos da marinhagem, e manda assar um quarteirão de sardinhas (cégas) das de 200 rs. o milheiro !....*

Chega a um outro ponto, quebra, por descuido ou casualidade, o barco ! A neve amontoada, o gelo a cada passo, o vento frigidíssimo, as agoas em grande abundancia, abrindo boccas devorantes, enfim, a lembrança do *bom maduro* e das cégas.... nada é suficiente para impedir que o marinheiro se lance repentinamente sobre o abysmo que transita ! Luta com todos e com tudo, despreza a parca que o rodeia, encara a sua salvação pelo unico meio de salvação de seus filhos, que vivem na indigencia, e, se a coragem lhe falta, os musculos lhe diminuem, seu corpo desfallece, morre, desaparece, levando nos labios o nome de seus idolatrados filhos, e os seus retratos impressos em seu coração, e deixando-nos o *ecco* de suas ultimas e agonizantes phrazes repercutido no nosso cérebro ! !

Quanto pôde o amor paternal ! !

(Continua.)

J. M. CARDOSO FRAZÃO.

SAUDADES DA PÁTRIA

Longe das plagas, que minh'alma chora
Já outra aurora para mim nasceu ;
Já a esp'rança que me acalentava
Está acabada neste filho teu !

Longe, bem longe, só em ti eu penso,
Quando suspenso meu sentido está ;
Não vês minh'alma que por ti suspira ?
Oh ! quem na lyra não te cantará ? !

Eu não te canto pois meu canto é triste
Inda mais triste que da noite o véu !
Se co'estes cantos eu te angradecera...
Oh ! quem me dera te elevar ao céo !

ALVARO BAPTISTA.

AVANTE !

Leitores :

E' ainda com o coração torturado pela perda de meu pae, que venho collaborar na revista do *Centro Litterario*. Não o faria de certo, se a isto não me impellisse um motivo imperioso : — louvar aquelles que, pelos seus proprios esforços, o merecem. Não podendo tratar largamente de um assumpto qualquer, vós me desculpareis, se neste meu pequeno trabalho encontrardes defeitos ; pois que minha alma neste momento está toda entregue ao lucto !

O Centro Litterario, que tendo á sua frente uma directoria distinta e amiga das grandes evoluções, não podia, por certo, leitores, deixar de publicar a presente *Revista*. A publicação della vem demonstrar claramente que a mocidade não pára, caminha sempre e sempre, com os olhos fitos no porvir : é ella a sentinella avançada das grandes idéas. E' por isso que, onde se falla em progresso, a mocidade corre pressurosa em busca desta grandiosa verdade.

A directoria do *Centro*, que é composta de uma pleiade de moços distintos, que sabem presar a sua dignidade, creou um jornal, onde têm de collaborar moços mais intelligentes do que eu, o unico poderoso auxiliar, e o meio mais util, para instruirmo-nos e habilitarmo-nos á ocupar lugar proeminente no templo de Guttemberg.

Oxalá que as nossas co-irmãs comprehendessem tão salutar verdade !

Avante !

Trabalharemos incessantes para elevar-mos esta sociedade ao grão de prosperidade á que ella tem direito.

THEOPHILo LUCAS.

A' JULIETA MONTEIRO

Teus preludios me contaram
repassados de harmonia
nos cantos, o som que hia
quando aos labios te brotaram.

Disseram mais : que és bondosa,
um ramilhete singelo,
meiga, esposa modelo
quanto inspirada e mimosa.

Da lyra dedilha as cordas
que os sentimentos acordas
de supremo idealismo !

Canta mais, que o teu cantar
enche noss'alma a nadar
n'um oceano de lyrismo !

Rio de Janeiro, 10 de Novembro de 1882.

A. M. DUARTE PORTO JUNIOR.

Typ. Hildebrandt, r. d'Ajuda n. 31